

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

FRANCIELLE CRISTINA DE OLIVEIRA TIAGO BELFORT SILVA
MICHELLE SOARES SIMÕES SILVA

**PRÁTICA PEDAGÓGICA TRADICIONAL EM ESCOLAS DA
REDE PARTICULAR.**

Rio de Janeiro

2021.1

PRÁTICA PEDAGÓGICA TRADICIONAL EM ESCOLAS DA REDE PARTICULAR

Francielle Cristina de Oliveira Tiago Belfort Silva Graduando (a) do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Michele Soares Simões Silva Graduando (a) do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Prof. Ms Norma Fernandes Marinho Ms em Ciências Pedagógicas

RESUMO

O artigo exposto aqui teve como propósito abordar a prática pedagógica tradicional em escolas da rede particular do Rio de Janeiro, onde se discutiu sobre como a prática pedagógica tradicional interfere na ação criativa do professor e conseqüentemente no desenvolvimento do aluno, tendo como objetivo definir a prática pedagógica tradicional, classificar e conceituar as tendências pedagógicas e mapear como a prática tradicional ainda utilizada nos dias de hoje pode limitar a ação docente. Os estudos foram baseados em diversos autores com preponderância de Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Louis Not e Maria Lúcia de Arruda Aranha. A metodologia empregada ocorreu através de pesquisa exploratória de cunho bibliográfico e de um questionário como dispositivo de coleta de dados direcionado a profissionais de educação de escolas particulares onde, pelas respostas dos professores, foi possível comprovar que o método tradicional se faz presente nas instituições escolares ainda hoje. Em vista disso, foi concluído que a prática pedagógica tradicional mesmo sendo antiquada e ultrapassada permanece nas escolas por meio de gestores que insistem em permanecer utilizando a mesma prática em que foram formados no passado, usando de autoritarismo para determinar os métodos que devem ser adotados pelos professores em sala de aula, comprometendo vários aspectos do desenvolvimento cognitivo dos alunos como raciocínio, autonomia, interação, criatividade e autoconhecimento, fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno e para a formação de um cidadão que seja atuante na sociedade. O artigo também traz como sugestão aos gestores de escolas particulares a atualização e avaliação de seus métodos usados para conduzir suas escolas, enfatizando a necessidade de dar aos professores liberdade para trabalhar de acordo com a dificuldade de cada aluno.

Palavras-chave: Prática Tradicional, Gestor, método.

ABSTRACT

The exposed article had as purpose to approach the traditional pedagogical practice in schools of the private network of Rio de Janeiro, where it was discussed on how the traditional pedagogical practice interferes in the creative action of the teacher and consequently in the development of the student, having as objective to define the pedagogical practice traditional, classify and conceptualize pedagogical trends and map how traditional practice still used today can limit teaching action. The studies were based on several authors with a preponderance of Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Louis Not and Maria Lúcia de Arruda Aranha. The methodology employed occurred through exploratory research of a bibliographic nature and a questionnaire as a data collection device aimed at education professionals from private schools, where by the teachers' answers it was possible to prove that the traditional method is still present in school institutions today. In view of this, it was concluded that the traditional pedagogical practice, even being outdated and outdated, remains in schools through managers who insist on using the same practice in which they were trained in the past, using authoritarianism to determine the methods that should be adopted by the students. Teachers in the classroom, compromising various aspects of students' cognitive development such as reasoning, autonomy, interaction, creativity and self-knowledge, which are fundamental for the integral development of the student and for the formation of a citizen who is active in society. The article also brings as a suggestion to the managers of private schools the update and evaluation of their methods used to conduct their schools, emphasizing the need to give teachers freedom to work according to the difficulties of each student.

Keywords: Traditional practice, Manager, method

INTRODUÇÃO

Esse artigo está contextualizado de acordo com as tendências pedagógicas da educação que surgiram a partir de diferentes pensamentos filosóficos já que cada tendência apresenta a concepção de homem, sociedade e escola baseada no contexto histórico. A educação brasileira tem sido marcada pelas tendências liberais e, de acordo com Libâneo (1990. p. 6), a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais de acordo com suas aptidões individuais.

Dentro do contexto da tendência liberal, a pesquisa deu ênfase na prática pedagógica de escolas privadas da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que utilizam uma metodologia tradicional. Foram abordadas a forma como os conteúdos são aplicados aos alunos, os padrões e as normas que são características do ensino tradicional.

O artigo traz uma reflexão sobre a prática tradicional nas escolas e como esta prática interfere na ação criativa do professor e, conseqüentemente, no desenvolvimento do aluno de forma integral. O presente artigo também traz uma avaliação da presença do lúdico nas escolas que fazem o uso da prática pedagógica tradicional.

Diante das mudanças que podem ser observadas na educação e no mundo, esta pesquisa abordou as iniciativas que propiciam uma mudança de pensamento dos docentes em relação à prática pedagógica tradicional, visando a conscientização da importância de uma gestão democrática e de práticas educacionais mais modernas para que a aprendizagem dos alunos aconteça de forma plena.

Sendo assim, este estudo desenvolveu a questão problema: Como a prática pedagógica tradicional interfere na ação criativa do professor e, conseqüentemente, no desenvolvimento do aluno, tendo como tema: “A prática pedagógica tradicional em escolas da rede privada”, com o objetivo de identificar de que forma o ensino tradicional interfere na prática pedagógica do professor. Definindo assim, a prática pedagógica tradicional, classificando e conceituando as tendências pedagógicas, e mapeando como a prática pedagógica tradicional, ainda utilizada nos dias de hoje, pode limitar a ação docente.

O presente artigo tem como base a vivência pessoal na prática pedagógica tradicional em escola privada, pois se notou que, nos dias de hoje, mesmo com surgimento de novos modelos de ensino e teorias inovadoras, ainda existem escolas que seguem a metodologia tradicional. Não está sendo afirmado que seja um modelo errado, mas sim, que este modo de ensinar limita a criatividade dos alunos e o pleno desenvolvimento de suas habilidades. Sendo assim, não há espaço para o lúdico e seus efeitos limitam a ação do professor e o tornam acomodado.

O tema abordado neste artigo é de grande relevância, pois promove uma reflexão na gestão escolar sobre sua atuação pedagógica em suas escolas e no efeito das mesmas na aprendizagem de seus alunos. A partir desta reflexão, em relação à prática tradicional, o docente pode orientar a sua ação nas transformações necessárias para alcançar o pleno desenvolvimento das habilidades de seus alunos, buscando modificações necessárias no processo de aprendizagem.

Desta forma podemos observar que o tradicionalismo tem sim os seus pontos positivos e, durante muito tempo fez muito sucesso nas salas de aula, porém estamos vivendo um século de modernidade e mudanças e, assim como as novas tecnologias atraem adultos, jovens e crianças, o modelo de educar precisa ter o mesmo efeito, pois uma prática pedagógica conteudista visa só o cumprimento de suas regras e planejamento, limitando a criatividade do aluno e a prática do professor, além de interferir no desenvolvimento completo do aluno e da inovação pedagógica.

Por esse motivo, é importante analisar como o ensino tradicional ainda hoje interfere na evolução da educação, pois se espera que na escola o aluno desenvolva suas habilidades, se torne autônomo, participativo, criativo, equilibrado e atuante. É fundamental que, desde a educação infantil, esse processo de desenvolvimento mental e criativo seja estimulado.

Quando a escola restringe, através do ensino tradicional, que o professor tenha liberdade de incentivar e desenvolver o potencial do aluno, a aprendizagem e o seu desenvolvimento são prejudicados. Dessa forma, faz-se necessária uma mudança de pensamento sobre a prática tradicional, voltando-se para práticas mais atuais e modernas, em que o foco não é somente o conteúdo, e sim, o aluno e seu pleno desenvolvimento. Assim, com mais liberdade, os docentes poderão relatar sobre suas

dificuldades, necessidades e anseio de maior flexibilidade de tempo para que, dessa forma, possam ser aplicados ao seu planejamento momentos valiosos de trabalho com o lúdico, numa junção harmoniosa com as matérias a serem aplicadas, promovendo, dessa forma, um desenvolvimento cognitivo, intelectual e social, tão necessários para a formação do aluno, fazendo com que este sinta prazer e alegria no seu ambiente escolar.

Portanto para atender os objetivos propostos, este artigo tem um aspecto quanti-qualitativo onde se optou por uma pesquisa exploratória com cunho bibliográfico, tomando por referência autores que discutem a prática pedagógica tradicional nas escolas, utilizando também um questionário como instrumento de coleta de dados, aplicado a profissionais de educação de escolas privadas na zona oeste do Rio de Janeiro.

De acordo com Gil (1996), a pesquisa exploratória nos permite aprofundar em uma ideia ou assunto podendo fazer novas descobertas, permitindo levar em consideração novos aspectos relacionados ao estudo.

Já a pesquisa bibliográfica é referente ao uso de fontes secundárias e se realiza a partir do registro disponível decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros autores” (SEVERINO,2007, P.122)

Segundo Marcone e Lakatos (2010, p.195), a entrevista pode ser entendida como “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Dessa maneira a pesquisa foi composta pelas seguintes etapas: seleção do público-alvo, elaboração da entrevista e aplicação, análise da mesma e observação de dados entre teoria e prática.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ação escolar torna reais as condições que assegurem o trabalho docente, e não cumpre somente as funções pedagógicas, por intervenção dos interesses contrários da sociedade. Esta ação tem por trás de si contradições sociopolíticas que trazem diferentes concepções de homem e sociedade, seguida de diferentes hipóteses sobre o papel da escola e das técnicas pedagógicas. As técnicas de ensino utilizadas pelos professores são baseadas nos pressupostos teóricos metodológicos.

Uma parcela substancial dos professores ainda baseia a sua prática em regras pedagógicas ultrapassadas, incorporadas pela escola ou transmitidas por métodos antigos, mostrando assim a utilização da prática pedagógica tradicional.

Baseado nesse entendimento, foi utilizado na fundamentação teórica deste projeto o autor Libâneo (1992) que aborda a tendência pedagógica tradicional pontuando:

[...] Se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos os procedimentos didáticos, a relação professor aluno não tem nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual. (LIBÂNEO 1990, p.7).

Conforme observado, a prática pedagógica tradicional é um método antigo que vem sendo usado desde o século XVI pelos Jesuítas que buscavam ensinar os índios a ler, escrever e contar. Dessa forma nos séculos seguintes os Jesuítas imprimiram o ideário católico introduzindo a tradição religiosa do ensino. Essa prática tinha como característica a memorização dos conteúdos e a valorização do mestre como guia do processo de aprendizagem.

Além deste teórico, também usamos para a nossa fundamentação Aranha (2006), uma autora que aborda a teoria de Herbert, que foi o primeiro a elaborar uma pedagogia que pretendia ser uma ciência da educação, com aspectos como de objetividade de análise, psicométrica, rigor dos passos seguidos e a sistematização determinaram a sua grande influência no pensamento pedagógico. Esses aspectos formais marcaram o ensino expositivo da escola tradicional aos quais Aranha faz uma crítica por ensinar coisa inútil para a ação.

[...] Atribuía a causa a aplicação inadequada dos métodos, incapazes de relacionar os conhecimentos adquiridos com a experiência do indivíduo, o que resulta em material inutilmente memorizado e logo esquecido. (ARANHA 2006, p.359).

No contexto histórico Aranha cita as mudanças no mundo e na educação através da revolução industrial, ela expõe as críticas dos religiosos à educação laica onde junto com o governo buscavam uniformizar o calendário escolar, criando “sistemas educativos nacionais”, onde se observa a separação entre os pedagogos, teóricos da educação e educadores que praticavam seu ofício na sala de aula. Deste modo surgiu a necessidade de ampliar a alfabetização na sociedade que estava em crescimento industrial, surgindo assim diversas propostas de educação como o ensino mútuo que foi aplicado pelo Anglicano Bell e por Lancaster às crianças pobres.

Sobre o ensino mútuo, Aranha (2006, p.341) expõe suas características onde afirma que seus métodos eram baseados em procedimentos mecânicos, desprovidos de valor educativo na memorização de fórmulas e receitas e na transmissão de conteúdos rasos e sem valor que não levam os alunos ao raciocínio e a inteligência.

Aranha aborda o prejuízo do método ao aluno ao dizer:

O aluno é a grande vítima da mecânica do ensino monitorial/mútuo: está preso a um verdadeiro sistema militar, que o leva a agir somente mediante uma ordem e a submeter-se a um condicionamento destinado a torná-lo um cidadão dócil e obediente. (ARANHA 2006, p.341)

Nota-se, assim, a semelhança com o ensino tradicional na sua prática mecânica de fixação e memorização no método de ensino.

Observa-se sobre o tema que o papel do educador não é apenas ensinar através da memorização dos conteúdos e expor apenas os seus conhecimentos, mas sim ensinar e aprender. Desta forma usaremos palavras de Paulo Freire, onde ele faz uma exposição sobre esse método e a formação do professor, tendo em vista que há conteúdos que precisam ser discutidos e revistos no currículo da formação de professores.

Sendo assim Freire (2019, p.24) expõe que:

Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir

conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

O autor nos leva a reflexão sobre a formação deficiente do professor. Neste padrão de formação cria-se um modelo que é copiado pelos formandos e transmitido a futuras gerações. Desta forma o autor ressalta que ensinar não é só levar conhecimento, e nem criar apenas um modelo, significa formar, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2019, p.25).

Ao longo do tempo percebeu-se que era preciso criar maneiras de ensinar e buscar possibilidades para aprender. Pois não tem êxito o ensino de que não faz parte o contexto social do aluno, visto que não é possível o mesmo colocar em prática os conteúdos aprendidos na escola.

Observa-se assim, nas palavras de Freire (2019, p.26)

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Portanto o processo de aprendizagem deve estimular a criatividade e a curiosidade do aluno, percebendo que quanto mais ele aprende mais ele desenvolve o seu conhecimento.

Essa aprendizagem é possível através da presença de educadores investigadores, criativos, estimuladores e conscientes de que os saberes não podem ser somente transmitidos, tendo em vista que a aprendizagem acontece de forma gradativa por meio da mediação do professor tornando o aluno parte do processo, o que é o oposto de uma prática tradicional.

1. PRÁTICA PEDAGÓGICA TRADICIONAL

A educação é uma atividade humana necessária no contexto social. É responsabilidade da sociedade a formação e o desenvolvimento de cada indivíduo em todos os aspectos, preparando-os para viver ativamente em sociedade, promovendo a ele contato com a cultura, política e o meio econômico.

A ação educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas gera em cada indivíduo experiências, valores, crenças e modos de agir que estão presentes em muitas gerações que os prepara para atuar no meio social e transformá-lo. Através da ação educativa a sociedade influencia as pessoas a reproduzirem as suas ações e transformar o seu meio social. Ao ampliar o sentido da prática educativa, observa-se que a formação acontece no meio social com uma diversidade de instituições e atividades sociais (família, trabalho, igreja). De modo claro a educação pode acontecer em lugares distintos, dentro de uma escola ou não, com objetivo de instruir e ensinar sem se afastar dos processos formativos gerais, pois o processo educativo, independentemente de onde aconteça, estará sempre ligado ao contexto social e político, sujeito às exigências da sociedade que sugere as suas ações e seus objetivos. Segundo Libâneo (2013) a educação apresenta influências não intencionais ou informais que ocorrem fora da escola, são aprendizagens eventuais que acontecem na vida cotidiana que influenciam na formação do indivíduo, e a educação intencional realizada na escola se caracteriza por ter o objetivo definido pelo educador. Na sociedade observa-se diferenças na educação e nos conteúdos transmitidos, onde os que têm um poder aquisitivo maior obtêm a melhor educação e os menos favorecidos ficam com uma educação de menor qualidade. Em meio a isto, o trabalho docente e os conteúdos estão sendo determinados pela política, pela sociedade e pelas ideologias.

Sobre a educação e o ensino Libâneo (2013 p.21) enfatiza:

Tal como a educação, também o ensino é determinado socialmente. Ao mesmo tempo em que cumpre objetivos e exigências da sociedade conforme interesses de grupos e classes sociais que a constituem, o ensino cria condições metodológicas e organizativas para o processo de transmissão e assimilação de conhecimentos e desenvolvimento das capacidades intelectuais e processos mentais dos alunos tendo em vista o entendimento crítico dos problemas sociais.

A educação, a instrução e o ensino são técnicas diferentes, a educação trata da construção das capacidades humanas com a sociedade no sistema educacional, já a instrução é voltada para o desenvolvimento mental através do conhecimento e o ensino representa as atividades para o desenvolvimento da instrução.

Para chegar à educação precisamos passar pelo ensino, pois ele é o principal meio de instruir os alunos de forma organizada, tendo o professor, por tarefa ensinar por meio de procedimentos apropriados e orientar a aprendizagem. A educação e a

instrução são condutas distintas, pois, como afirma Libâneo (2013, p.22) pode se instruir sem educar, e educar sem instruir. O fato de aprender os conteúdos e obter conhecimento de princípios e normas não quer dizer que serão colocados em prática para resolver problemas e desafios reais, pois o objetivo educativo não deve ser só uma consequência do ensino, e o papel do professor deve ser o de conduzir a instrução e o ensino para que as metas educacionais sejam alcançadas, dessa forma entende-se que o ensino é o meio essencial para se chegar à educação.

Mediar as bases teórico- científicas da educação escolar e a atividade do professor é uma característica da Didática, fazendo uma ponte entre o “que” e como acontece o processo pedagógico. O conjunto educativo encontra-se firmado na concepção do indivíduo e do mundo. Através dos conhecimentos filosóficos é que a educação encontra seu significado, pois a filosofia traz a meditação sobre a vida influenciando a pedagogia que busca uma educação melhor. Os conceitos e normas que conduzem a educação, e a doutrina pedagógica tem como critério uma teoria filosófica, assim como a didática.

Com a chegada do ensino surge a Didática com o propósito de beneficiar a instrução, visto que desde a antiguidade já se observavam formas de ensinar. As comunidades primitivas utilizavam para o ingresso dos adolescentes na vida adulta rituais de iniciação como um ato pedagógico. Na Antiguidade os gregos e romanos aplicavam suas ações pedagógicas em igrejas, mosteiros e escolas. Entende-se, então, que a didática se realiza na interferência do adulto na aprendizagem do aluno ordenando um plano pedagógico. Assim a escola e o ensino se tornam coordenados se adequando às possibilidades dos alunos e seu ritmo de aprendizagem.

A didática não considera a forma de ensinar do professor sem levar em conta a aprendizagem do estudante, a observação de como o processo de aprendizagem acontece é muito importante para a didática, que tem como objetivo a ação do aluno e o processo de ensino aprendizagem, a troca de experiência entre ambos. Ao pesquisar as bases circunstanciais e de que forma a instrução e o ensino acontecem, percebe-se que ela também modifica os propósitos sociopolíticos e pedagógicos alvo de ensino.

A Didática se encontra ligada a outras teorias como a da educação, da organização escolar e a teoria do conhecimento, assim como a psicologia. Ela também

está voltada aos conhecimentos pedagógicos, onde a filosofia e a história da educação auxiliam pensar sobre as teorias educacionais questionando a ação educativa e seus objetivos.

Foi no século XVII que João Amós Comênio criou a teoria didática que pesquisava a relação do ensino e da aprendizagem e suas regras, além de ser o primeiro professor a propagar a ideia de que o conhecimento era para todos criando conceitos e regras para o ensino. Ele difundiu princípios novos para a educação em um tempo em que a filosofia e as ciências apresentavam fatos novos e os sistemas de produção capitalista manipulam a vida social, a política e a cultura. Contudo, entende-se que Comênio teve grande atuação, pois se dedicou a elaborar técnicas de instrução mais eficazes buscando levar a todas as pessoas conhecimento.

Na época de Comênio prevalecia a prática pedagógica tradicional que tinha como perfil um ensino intelectualista e dogmático, onde a prática do professor se aplicava de forma mecânica através da repetição e da memorização. Os alunos nessas escolas não podiam expor o que pensavam, o que era ensinado não tinha relação com a vida do estudante e a religião exercia enorme domínio na sociedade.

A pedagogia tradicional tem uma visão de ensino onde prevalece o ato de agentes externos no desenvolvimento do aluno, a transferência dos conhecimentos reunidos pela humanidade e a reprodução de imagens oferecidas ora pela palavra do educador ou pela observação do aluno.

No Brasil está metodologia remonta aos tempos da educação realizada pelos jesuítas no processo de catequização dos índios, que ocorreu com a chegada do governador Tomé de Sousa, junto com ele vieram alguns jesuítas sendo liderados por Manoel de Nóbrega, pouco tempo depois de chegarem ao Brasil os missionários abriram a “escola de ler e escrever” na cidade de Salvador iniciando a fundação de escolas elementares e secundárias dando continuidade com as missões.

O colégio dos jesuítas foi criado pela igreja católica com o objetivo de combater o protestantismo que estava em alta e influenciou a escola tradicional. Seu método de ensino era rígido e sua pedagogia eficiente devido ao severo preparo dos mestres. A escola não tinha interesse na inovação intelectual, se mantinha antiquada e desejando uma formação humanística, preferindo estudar o latim, os clássicos e a religião. A

classe dirigente buscava a educação e com o tempo a burguesia que desejava a ascensão social, também passou a exigir educação.

Sobre a prática de ensino que era utilizada pelos jesuítas, Aranha (2006) observa que:

“[...] o ensino jesuítico promoveu a separação entre a escola e vida, porque, no afã de retomada dos clássicos, não transmitia aos alunos as inovações do seu tempo, não dava muita importância à história e à geografia.” (ARANHA, 2006, p.207)

Sua preocupação era com os exercícios e a oratória, além de não proporcionar que os alunos desenvolvessem um olhar questionador. Assim foi considerada desatualizada e deteriorada, pois o ensino bastante formal afastava os estudantes da realidade, fazendo com que não fossem preparados para a vida prática.

A prática pedagógica tradicional é um método antigo que permaneceu até o século XIX com um ensino que colocava o aluno apenas como ouvinte, sem ação, que aprendia somente a memorizar, e a preocupação com o entendimento do aluno era pequena. Acreditava-se que o indivíduo poderia ser moldado, pois essa era a teoria de Aristóteles na antiga Grécia. Nessa concepção o pensamento do homem era como uma folha em branco, a qual poderia ser preenchida como quisesse. Os professores alfabetizavam através do reforço de exercícios que iam ficando mais complicados e a leitura era feita pelo aluno diante de todos na sala.

Alguns conteúdos eram diminuídos pelos professores para facilitar a decoreba, devendo ser repetidos sem erros pelos alunos quando as perguntas fossem realizadas pelo professor, o que acontecia de forma oral ou escrita. Esse método conhecido na época como catequético, que significava "fazer eco" era usado em todas as disciplinas e era realizado quando o professor fazia a pergunta e dava a resposta, sem possibilitar que o aluno elaborasse a própria resposta. Assim, o que conta nesse método de ensino é que o estudante repita tudo, ficando de lado a compreensão do que ele está lendo ou escrevendo, com isso o aluno de forma mecânica reproduz as respostas sem pensar e entender o que estava sendo estudado.

Freire (2019, p.80) chama atenção para o prejuízo da metodologia tradicional:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor

educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivadores são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação.

Nesse sentido as escolas tradicionais são muito rigorosas com seu ensino, acreditavam que a inteligência era inserida através da transmissão do conhecimento do professor e de livros diretamente para a mente do aluno, considerando que a assimilação da criança era igual a do adulto. Esse método era cansativo e desagradável para o estudante que perdia completamente o interesse pela matéria. Segundo Aranha (2006) essa forma de ensinar determinou os passos do trabalho escolar e cita Paul Monroe que faz sua crítica a essa prática: “A matéria era apresentada à criança para que a assimilasse na ordem em que só poderia ser compreendida pelas inteligências amadurecidas”. (p.186)

A abordagem tradicional tinha como base a educação bancária, onde as informações e os conhecimentos são depositados no aluno. Dessa forma Freire (2019, p. 82) faz uma reflexão sobre essa prática tão criticada:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional; que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Diante disso, observa-se que com esse método os alunos não são estimulados a formar uma consciência crítica que permite que eles participem da sociedade como sujeitos transformadores da sua realidade.

Essa forma verbal de ensino imperou por bastante tempo na prática escolar, levando educadores e filósofos a questionar os professores a darem mais importância à

compreensão dos alunos em relação ao que estava sendo estudado do que simplesmente decorarem.

2. TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Ao longo da história alguns teóricos fizeram reflexões sobre a forma como cada indivíduo entende o que está ao seu redor.

Para o filósofo Sócrates, o professor deve auxiliar o aluno a descobrir a resposta sozinho, pois acreditava que o conhecimento não deve ser transferido, mas sim descoberto pelo aluno. Comenius pensava diferente, acreditava que a educação ajudaria o indivíduo a alcançar o seu objetivo, aumentando o seu autocontrole por meio da compreensão de si mesmo e do mundo. Já o filósofo Heinrich Pestalozzi considerava que o indivíduo nascia bom e que o caráter era formado pelo ambiente educação (in REGINA CÉLIA, 2011).

O filósofo Pestalozzi aponta o principal objetivo da educação (in REGINA CÉLIA, 2011, p.16) que era “favorecer o desenvolvimento físico, intelectual e moral da criança e do jovem, através da vivência de experiências selecionadas e graduadas, necessárias ao exercício dessas capacidades”. A obra de Pestalozzi influenciou o trabalho de Johann Friedrich Herbart, que mais tarde produziu seus conceitos educativos baseado na concepção da união do desenvolvimento e da vivência intelectual.

De acordo com Herbart, para a escola propiciar uma real instrução educativa precisa iniciar estimulando o interesse do aluno pelo conteúdo que será estudado. Sendo assim, foi o primeiro filósofo a criar a teoria do interesse, não só com o objetivo de conseguir somente a atenção dos alunos, mas de garantir que o conteúdo seja compreendido e incorporado aos seus conhecimentos. Logo, os materiais de instrução devem ser selecionados pelo professor a partir do avanço e dos interesses dos educandos, sendo desenvolvidos e ordenados de forma a ampliar no indivíduo um entendimento integral.

Já a concepção de John Dewey sobre o homem diz que a ação é própria do ser humano e antecede o entendimento e o pensamento. Para Dewey (REGINA CÉLIA,

2011, p.18) “antes de existir como ser pensante, o homem é um ser que age”. Portanto, a compreensão e a instrução devem ser associadas a realidade e a vivência do aluno. Deste modo, o filósofo também observa que as crianças são dinâmicas, e que a escola precisa considerar essa natureza da criança, incentivando que a forma de estudar leve em conta a participação do aluno que aprenderá fazendo, obtendo conhecimento pelas suas próprias experiências. Nesse sentido, para Dewey a função da escola “não é comunicar o saber pronto e acabado, mas ensinar as crianças a adquiri-lo, quando lhes for necessário”. (REGINA CÉLIA, 2011, p. 18)

Para o filósofo a atenção e o raciocínio devem ser ampliados, pois para obter conhecimento é essencial desenvolver o cognitivo do aluno, apoiando assim a utilização de técnicas ativas de aprendizagem pela ação. Assim, filósofos e educadores que acreditavam que era preciso reconsiderar os métodos de ensino transformaram o pensamento educacional, refletindo suas concepções de modo direto na didática.

Alguns estudos têm sido realizados sobre a história da Didática no Brasil e sua ligação com as tendências pedagógicas, além da busca do seu campo de conhecimento. As tendências pedagógicas são de grande importância, pois ajudam a direcionar de forma consciente o trabalho do professor. Conhecer as tendências é fundamental para a realização de uma prática educativa que faça parte do dia a dia do aluno. O objetivo das tendências é direcionar o trabalho do professor esclarecendo algumas questões que fazem parte do processo de ensino tais como: Para quem? O que ensinar? Como? Para que e por quê? Ter as respostas dessas questões é fundamental para que a prática pedagógica alcance seu objetivo.

Sendo assim, entender as correntes pedagógicas, especialmente as mais novas se faz necessário ao educador, visto que possibilita um aperfeiçoamento maior sobre o processo de ensino e aprendizagem, trazendo várias oportunidades de conduzir o trabalho do educador, portanto, a análise dessas práticas permite desenvolver uma base pedagógica pessoal e lógica.

As tendências pedagógicas são divididas pelos autores em duas linhas de pensamento: As Liberais, constituídas pela pedagogia tradicional, renovada progressista, renovada não-diretiva e tecnicista e as de cunho Progressista, sendo

classificadas como pedagogia libertadora, libertária e pedagogia crítico-social de conteúdo.

Estas tendências servem de base para a prática pedagógica, sendo necessário que cada educador analise cada tendência e use a que melhor se encaixar em seu cotidiano, tendo o cuidado de não usar apenas uma delas de forma isolada para que o processo educativo possa ter qualidade e eficiência.

Com o objetivo de proteger a primazia da liberdade e dos interesses individuais na sociedade de forma ordenada com base dos meios de produção, surgiu a doutrina liberal que pensava que a escola tinha a obrigação de preparar as pessoas para assumir o seu papel na sociedade, se ajustando aos seus padrões.

A pedagogia liberal começou com a pedagogia tradicional, evoluindo para a pedagogia renovada, mas uma não foi trocada pela outra, ambas faziam parte da prática escolar. A Pedagogia tradicional consiste em um grupo de regras que norteiam a forma de ensinar centralizando toda a atividade no professor que se torna o detentor de todo conhecimento. A principal forma de ensino é através de exercícios repetitivos, memorização de conteúdo, exposição oral e das provas, que tornam o aluno o receptor com a tarefa de decorar tudo que lhe é exposto, formando um indivíduo que não sabe pensar e expor as suas ideias.

Dessa forma os conteúdos que são ensinados não promovem interesse nos alunos e não têm ligação com problemas da vida e da sociedade. Assim sendo, Libâneo (2013) expõe que: [...] “o aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la. Os objetivos, explícitos referem-se a forma de um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta”

Esta tendência tradicional continua ativa na prática escolar, e ainda é comum, em algumas escolas, a transmissão dos conteúdos, a memorização e a sobrecarga de atividades tanto para os alunos quanto para os professores.

Assim também a pedagogia liberal renovada sugere que o ensino considere o estudante como autor do seu conhecimento, através de suas próprias experiências e descobertas, incentivando o aluno na busca pelo saber, estimulando o interesse por desenvolver novas experiências para que assim o aluno aprenda melhor.

A escola liberal progressista tem como função promover experiências para os alunos que estejam de acordo com a realidade da sociedade, para que o indivíduo possa se adaptar e se integrar nela. Tendo por finalidade permitir que o aluno passe por um processo ativo de “construção e reconstrução do objeto” tanto em sua forma de pensar como na sua forma de agir. Para alcançar o seu objetivo, a escola busca transmitir conhecimentos através da ação, ou seja, a partir do interesse e das necessidades promovendo experiências e desafios, valorizando os processos cognitivos, buscando uma construção pessoal. Considerando as descobertas do meio social, o aluno aprende a solucionar os problemas, partindo de atividades ligadas à realidade do aluno.

Já na Tendência Liberal Renovada Não- diretiva a escola tem a tarefa de formar as atitudes de cada indivíduo, dando mais ênfase no que é psicológico do que ao social e pedagógico, buscando promover a mudança interna de acordo com o que é pedido no meio em que vive, deixando para o segundo plano a transmissão dos conteúdos focando na comunicação e nas relações pessoais, dando autonomia para o professor criar ao seu estilo próprio de ensinar para facilitar a compreensão dos alunos, dispensando os métodos tradicionais tornando o professor em um facilitador.

A Tendência Liberal tecnicista usa técnicas específicas para modelar o comportamento humano, dando para a escola a função de desenvolver as habilidades, atitudes que sejam indispensáveis para usar na sociedade, ela também trabalha para mudar o comportamento do aluno com a intenção de formar indivíduos competentes para o mercado de trabalho.

As tendências de cunho progressista têm como base um estudo crítico dos eventos sociais afirmando claramente os objetivos sociopolíticos da educação, sendo um instrumento de luta dos professores que não se adaptavam em uma sociedade capitalista. Ela se divide em Libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, libertária e a crítico-social dos conteúdos. A pedagogia libertadora assim como a libertária são contrárias ao autoritarismo e consideram muito importante as experiências dos alunos e a autogestão, valorizando mais a aprendizagem em grupo do que somente a transmissão do conteúdo.

A tendência libertadora tem como característica um ensino não formal que vem sendo utilizado pelos professores, onde os temas que são abordados pelos educadores em sala de aula são ligados à realidade dos alunos, que serão discutidos e analisados de um ponto de vista social.

A educação tradicional e a renovada não mostravam a realidade social e suas injustiças, sendo consideradas domesticadoras, ao contrário da libertadora que contestava a real ligação do indivíduo com a natureza e com as outras pessoas, buscando uma mudança, sendo considerada uma educação crítica. Com esse entendimento não se aceitava a prática tradicional, pois acreditava que o aluno pode trazer elementos da própria vivência para a aula, porque o que conta não é a transmissão de conteúdos específicos e sim estimular a abordagem de temas que fazem parte da vida prática do aluno. Dessa forma, nota-se que a aprendizagem não ocorre através da fixação dos conteúdos, mas pelo conhecimento crítico por meio de reflexão e da compreensão.

Da mesma forma, a expectativa da pedagogia libertária é de que a escola realize mudanças nos alunos adotando modificações institucionais com base na atuação de grupos, onde os alunos poderão participar, colocando em prática o que aprenderam por meio de conselhos, reuniões e eleições. Outra ação dessa tendência é trabalhar os princípios educativos auto gerenciáveis através de grupos de pessoas, tendo como objetivo político reconhecer o indivíduo como produto social, onde seu avanço pessoal ocorre coletivamente.

O tipo mais conhecido dessa pedagogia é a institucional, que tem o propósito de lutar contra a burocracia do Estado que tem grande influência e restringe a autonomia dos estudantes. As disciplinas ficam à disposição dos alunos como ferramentas para serem utilizadas em grupo, gerando conhecimentos dos conteúdos retirados das preferências e dificuldades do grupo, sem ser necessariamente a matéria de estudo.

Para a pedagogia crítico-social dos conteúdos a escola tem como função a divulgação de conhecimentos atuais que fazem parte das realidades sociais, sendo reconhecida como um mecanismo de apropriação do saber, tornando-se a melhor opção para as pessoas, pois pode diminuir as diferenças de classes, tornando a igualitária e buscando a transformação da sociedade. Na pedagogia crítico-social dos

conteúdos a aprendizagem se realiza na interação do aluno com o meio, sendo o educador um intermediário, levando o aluno a buscar suas respostas e compará-las com as do educador. Com isso, o aluno se esforça para compreender os conteúdos apresentados aumentando seus conhecimentos.

Portanto o modelo de ensino dessa pedagogia crítico-social dos conteúdos sugere um ensino voltado para a interação dos conteúdos com as realidades sociais, buscando um progresso político e pedagógico, tendo como alvo a democratização da sociedade, o apoio aos interesses da população e a modificação da estrutura da sociedade brasileira. (Libâneo 2003). Sendo assim as tendências pedagógicas se tornam uma ferramenta para o aperfeiçoamento da prática docente deixando o tradicionalismo para trás.

3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A LIMITAÇÃO DOCENTE

A ação do professor e as conexões que ele estabelece dentro do seu ambiente de trabalho, que é a sala de aula, é fundamental para promover uma boa educação. A prática docente tem como objetivo melhorar a qualidade do ensino auxiliando o aluno a obter conhecimentos que serão importantes para sua vida. O professor precisa estar comprometido com seu trabalho, buscando se atualizar e desenvolver novas técnicas com autonomia, com o objetivo de atender as necessidades dos alunos para que todos tenham uma boa formação. Mas, para que o professor realmente alcance seus objetivos na sua prática é fundamental que ele seja valorizado e respeitado.

A qualidade da educação e a aprendizagem do aluno devem ser o principal objetivo da escola, que precisa trabalhar em conjunto com o professor, incentivando e dando liberdade para que ele possa colocar em prática novas metodologias e não restringir sua atuação como acontece em algumas escolas tradicionais que ainda hoje permanecem vivas e atuantes no contexto educacional. Esta forma de instrução vem sendo utilizada por muitos gestores e professores que foram gerados e formados em um ambiente tradicional, tendo que aceitar as práticas impostas as quais os levam a repetir e aplicar nos dias de hoje os mesmos métodos do passado. Essa forma metódica de ensino sem muitos atrativos ficou enraizada em suas práticas,

consequentemente sendo reproduzidas em suas escolas, restringindo o docente de elaborar novas maneiras de ensinar e conduzir sua rotina.

Mesmo sabendo que é possível ensinar de diversas formas, sem a necessidade de impor aos alunos que memorizem e repitam tudo que ouvirem, impedindo que o aluno seja crítico, reflexivo e que consiga desenvolver suas habilidades, pois observa-se que em alguns estabelecimentos de ensino privado ainda impõem esse método desatualizado para que seus professores exerçam em seu dia a dia.

O professor da atualidade entende que ensinar é mais do que impor conhecimentos e práticas específicas, é despertar o desejo de aprender no aluno e estimular a sua curiosidade, formando indivíduos que sejam capazes de alcançar novos voos. Porém muitos professores estão presos a um sistema de ensino tradicional que vem de muito tempo, que por sua vez restringe a atuação do professor na própria sala de aula. Sobre essa prática Louis Not (1981, p. 5) aponta que:

Desde o século XVIII pelo menos, duas perspectivas pedagógicas se contrapõem. Numa quer-se ensinar, instruir, formar. Ensina-se uma matéria às crianças; do exterior, subtrai-se o aluno de seu estado de criança; ele é dirigido, modelado e equipado. Esta é a tese antiga: ela continua a ter partidários, apesar das críticas e variações que sofreu.

Ao pensar nos obstáculos que os professores encontram para tentar novos métodos nessas escolas tradicionais buscando uma transformação pedagógica, que seria uma solução para esse problema, o qual acontece por causa da prática que é determinada e das expectativas dos docentes que não são realizadas. Os questionamentos dos professores à prática pedagógica tradicional geralmente não são bem aceitos pela gestão escolar, sendo complexo o diálogo. Not (1981, pg.14) afirma que:

[...] pode então ser difícil, se não impossível, colocar os mestres em situação de conflitos com seus superiores hierárquicos ou as famílias, até mesmo frente a si mesmos. E mesmo se não houvesse obstáculo nesse plano, ainda restaria convencer os mestres do bom fundamento da experiência, do valor ou pelo menos da inocuidade do método a utilizar e, sobretudo, formá-los em novas práticas [...]

Apesar de sofrer várias críticas é evidente percebermos nas escolas as marcas do tradicionalismo nos dias de hoje nas salas de aula. Contudo, nota-se que na maioria das vezes a responsabilidade desse método ainda permanecer nas escolas não é

somente dos professores que ainda a utilizam, mas das instituições de ensino que têm como base a tradição, que dão preferência a prática tradicional, e que mantêm um ensino exigente e rígido, que algumas vezes são incentivados pelos pais que querem ver o sucesso dos seus filhos. Com isso algumas etapas de desenvolvimento são esquecidas levando em conta apenas a realização dos conteúdos, pois dessa forma a escola é considerada forte pelo fato de aplicar muitos exercícios e trabalhar a escrita desde a educação infantil. Da mesma forma observa-se também que a prática tradicional se mantém pelo fato de alguns professores terem se formado em cursos de formação de professores desatualizados, onde os alunos não podem questionar sobre os métodos aplicados, sendo assim imitados pelos docentes anos após ano nas escolas.

Ao analisar o comportamento de alguns docentes que insistem em atuar dessa forma, percebe-se que a repetição desse método os levou a se tornar profissionais acomodados, sem perceberem as mudanças que ocorrem no século XXI, com inovações tecnológicas e na forma das pessoas pensarem, assim como o surgimento de novas metodologias que entendem que cada indivíduo aprende de uma forma. De acordo com Not (1981) quando o método tradicional é aplicado, ele se fundamenta na tradição ativa, na transmissão do conhecimento, dessa forma se opõe aos métodos que buscam construir o conhecimento do aluno, quando se trata dos conteúdos, se utiliza de obras do passado, não levando em conta ferramentas mais modernas e quando se refere a origem das práticas antigas, que ainda são usadas por alguns professores que não se modificam, acabam por não buscarem as novas metodologias da atualidade.

Essa forma de ensino acaba prejudicando a aprendizagem dos alunos, fazendo com que se sintam desmotivados por se acharem incapazes de compreender a matéria que está sendo dada, produzindo nos educandos barreiras que colaboram para que a aprendizagem não seja efetiva. Essa didática utilizada pelo professor afasta o indivíduo de ter o desejo de aprender aquele conhecimento que poderia ter sido melhor assimilado pelo aluno se uma metodologia mais moderna fosse utilizada. A relação distante e a falta de interação do professor com o aluno, que também é uma característica da prática tradicional, acontece pela preocupação dos docentes com as várias atividades exigidas em seu cotidiano e da sobrecarga de trabalho que é

determinada pela gestão escolar. Essa metodologia de ensino acaba limitando a ação do professor de elaborar seu planejamento de forma a proporcionar um melhor ensino e aprendizagem para os estudantes, por falta de tempo nas aulas, que devem seguir um currículo padronizado, devendo ser realizado sem qualquer modificação, pois o que conta é que todos os conteúdos dos livros didáticos tenham sido concluídos e os alunos devem ser preparados para que nas provas consigam ser classificados pelas notas alcançadas. Sobre essa prática Libâneo (2013) destaca que:

É dada excessiva importância à matéria que está no livro, sem preocupação de torná-la mais significativa e mais viva para os alunos. Muitos professores querem, a todo custo, terminar o livro até o final do ano letivo, como se a aprendizagem dependesse de “vencer” o conteúdo do livro. São ideias falsas. O livro didático é necessário, mas por si mesmo ele não tem vida. É um recurso auxiliar cujo uso depende da iniciativa e imaginação do professor. Os conteúdos do livro didático somente ganham vida quando o professor os toma como meio de desenvolvimento intelectual, quando os alunos conseguem ligá-los com seus próprios conhecimentos e experiências, quando por intermédio deles aprendem a pensar com sua própria cabeça. (LIBÂNEO, 2013, p.83)

O professor comprometido com o ensino de seus alunos está em constante transformação e buscando constantemente por novas formas de aprender porque sabe da importância da sua aula e quer aproveitá-la da melhor forma possível, pois nela se criam e se desenvolvem as condições necessárias para os alunos assimilarem seus conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvendo todas as suas áreas cognitivas. Dessa forma se faz necessário que novas técnicas sejam aplicadas, buscando desenvolver a criatividade, curiosidade e a imaginação das crianças. Desde a educação infantil elas devem ser estimuladas, contrariando as práticas tradicionais que acreditam que as brincadeiras e o lúdico são perda de tempo. O professor moderno sabe a importância do brincar e do lúdico no desenvolvimento do aluno, pois através do brincar a criança cria e recria situações do cotidiano, construindo seu conhecimento e ampliando sua forma de ver o mundo. Com esse entendimento Pozas (2015) cita Vygotsky que afirma que:

No brincar, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (POZAS, 2015, p.17)

Com isso as novas metodologias entendem que as crianças têm suas singularidades e seu próprio modo de se relacionar com o meio em que vivem. Diante disso, observa-se que

cada indivíduo tem sua maneira e seu tempo para se desenvolver, e por isso não podem ser vistas e tratadas da mesma forma. Piaget ressalta que o desenvolvimento intelectual é como o desenvolvimento do nosso corpo e passa por várias etapas de evolução até evoluir completamente. Portanto a aprendizagem deve incluir todos os aspectos em perfeita harmonia, pois entende que o professor deve trabalhar de forma intencional aplicando metodologias modernas que respeitem as etapas de desenvolvimento dos alunos. Por isso, a importância de o professor ter um espaço no seu planejamento para as brincadeiras e as atividades lúdicas que além de promover cultura é a forma mais estimulante de propiciar o desenvolvimento integral do aluno. (Pozas, 2015)

Dessa maneira a gestão que deseja acompanhar os novos tempos deve buscar conduzir sua escola e o processo de ensino de forma mais eficiente, direcionando, acompanhando e incentivando o trabalho do professor, deixando as cobranças e a pressão de ter que cumprir as metas estabelecidas no calendário anual, tendo uma visão também de educador, não se atendo somente a parte administrativa, indo contra o autoritarismo e dividindo as funções para que possa se dedicar ao social, emocional e o intelectual de seus alunos e funcionários. Inclusive espera-se que o gestor tenha qualificação e habilidades para conduzir o trabalho em grupo, tão importante para a resolução de problemas educativos, buscando soluções e elaborando propostas pedagógicas que melhorem a educação, consciente das suas ações e responsabilidades. Ao analisar sobre o trabalho dos profissionais de educação percebe-se que é fundamental a compreensão do desenvolvimento de cada indivíduo, considerando suas particularidades, seus aspectos intelectuais, socioculturais e estéticos, dando importância as suas experiências de vida, social e familiar. Dessa forma o professor deve estar sempre se auto avaliando, não só a si mesmo, mas a sua prática, flexibilizando seu planejamento, aprimorando sua didática, criando procedimentos e pesquisando sobre as novas metodologias de ensino que possam ajudar na sua atuação e avaliação.

Diante disso, os gestores das instituições escolares devem ter como objetivo atender as exigências da sociedade moderna, tendo consciência de que uma boa gestão promove uma excelente educação, potencializando a qualidade de ensino. Assim, diante das novidades e modificações as escolas deixam de ser ultrapassadas e assumem outras atitudes, pois para Drucker (1993 apud SANTOS CLOVIS 2008, P. 21) nos tempos atuais, a educação mudará mais do que já mudou desde a criação da escola “moderna”, há 300 anos. Com isso entende-se que a escola não deve ficar presa a uma maneira de ensinar, mas acompanhar e proporcionar transformações.

De fato, as instituições escolares vivenciam as transformações que acontecem com o progresso tecnológico, a globalização, a urbanização e as polarizações. Diante disso, Dryden e Vos (1996 apud SANTOS CLOVIS 2008, P. 27) afirmam que:

Não podemos conseguir os avanços educacionais de que precisamos, a menos que façamos um investimento cada vez maior em métodos de educação e de aprendizagem. Ninguém pensaria hoje em acender uma fogueira esfregando dois gravetos. Todavia, grande parte do que ocorre na educação baseia-se igualmente em conceitos igualmente ultrapassados, isto é, fora da realidade.

A educação precisa acompanhar a era do conhecimento, levando seus profissionais e docentes a uma conduta de progresso nas suas metodologias, já que a escola não deve permanecer com as suas técnicas atrasadas, devendo aperfeiçoar seus métodos de forma a encorajar e preparar seus estudantes para um futuro cheio de desafios, auxiliando o aluno a raciocinar e agir com independência, sendo ativo na sociedade. Com base na exigência da sociedade por um ensino de qualidade é fundamental inserir nas novas práticas o uso dos novos métodos tecnológicos, deixando de realizar um trabalho convencional. Contudo, os gestores educacionais não devem ignorar as novas propostas de ensino, levando em conta seus benefícios para o processo de aprendizagem dos estudantes. Sobre isso Teixeira (1999, apud SANTOS CLOVIS, 2008 p. 28) expõe:

[...] os obstáculos à inovação não devem ser atribuídos aos professores individualmente, mas ter suas bases assentadas nas representações dominantes do senso comum escolar, que organizam o quadro institucional da prática do ensino. As resistências dependem da relação entre a cultura da escola e a proposta de mudança. Uma mudança é recebida com suspeita e relutância quando a expectativa de comportamento contida na nova prática política contraria as concepções em que se assenta o modo de vida da escola.

De fato, para que as novas metodologias sejam implementadas é necessário que o gestor escolar promova capacitação de seus profissionais, visto que muitos docentes querem realizar mudanças em práticas, porém faltam recursos oferecidos pela gestão, como cursos de aperfeiçoamento que promovam competências que possam ser aplicadas na aprendizagem para formar sujeitos participativos e reflexivos. Segundo Delors (2004, apud SANTOS CLOVIS, 2008 p.29):

Para poder dar resposta ao conjunto das missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: APRENDER A CONHECER, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; APRENDER A FAZER, para poder agir sobre o meio envolvente; APRENDER A VIVER JUNTO, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Em vista disso, os professores que são verdadeiramente envolvidos em promover uma educação de qualidade para seus alunos, entendem a sua responsabilidade e se dispõem a superar todas as barreiras impostas, com a percepção de que o que importa são os alunos e seu desenvolvimento integral, pois somente uma boa educação pode abrir portas e melhorar suas vidas, sendo esta a sua missão. Logo, o ofício de educador não é para qualquer pessoa e sim para quem entende a educação como missão, porque para algumas pessoas ser professor é algo banal, sendo assim desvalorizado, mas ser professor é muito, além disso, como observa Rubens Alves, “professor é profissão; educador é vocação”, e entre os dois há um abismo. (in SANTOS 2008, p.30).

4. PESQUISA REALIZADA COM PROFESSORES

A pesquisa foi realizada através de entrevista com professores de escolas privadas do Rio de Janeiro por meio de um questionário elaborado, enviado e respondido pelo WhatsApp. A pesquisa foi aplicada utilizando o método qualitativo tendo como característica o uso de números e porcentagem de forma objetiva. A análise teve o intuito de mostrar que ainda hoje existem escolas e professores que usam o método tradicional de ensino e como essa prática interfere na ação do professor no seu dia a dia.

O questionário foi construído por perguntas baseadas em questões, vistas durante o estudo feito sobre a prática pedagógica tradicional de ensino. Foi observado pelas pesquisadoras a metodologia usada em sala, o perfil do professor, seu grau de escolaridade, a quanto tempo trabalha como professor, se a prática pedagógica tradicional é aplicada e como ela interfere na sua ação docente.

Constatou-se que cerca de 40 % dos professores trabalhavam no magistério até 5 anos, 28% atuavam de 5 a 10 anos e 28% a mais de 10 anos. Dos professores entrevistados 7 tinham o curso normal completo, 13 a graduação superior completa, e 5 tinham a graduação superior incompleta, 7 deles tinham pós graduação completa e 1 a pós graduação incompleta, 64% trabalhavam com a educação infantil, 24% com o ensino fundamental I, 8% com o ensino fundamental II e 4% com outros. Cerca de 45,5% dos professores atuavam em uma corrente pedagógica construtivista, 40,9% em

uma corrente tradicional e 13,6% em outras. Já 62,5% deles classificaram o seu perfil como de um professor construtivista, 20,8% como um professor tradicional e 16% como outros.

A entrevista detectou ainda que 70 % dos profissionais diziam que em sala de aula promoviam atividade para motivação do conteúdo, 20,8% disseram que trabalhavam o conteúdo para depois fazer exercícios, já 8,3% usavam o livro didático como primeiro passo, uma relação com a prática tradicional, 29,2% apontaram que a cobrança no desenvolvimento cognitivo do aluno interferia na sua ação docente, 16,7% relataram que o limite de tempo para o lúdico era o que interferia na sua ação, 41,7% perceberam que a interferência ocorria através do excesso de conteúdo e apenas 12,5% não observaram nenhuma interferência na sua atuação.

Por meio dessa pesquisa foi possível comprovar que ainda hoje existem instituições que tem como método de ensino a prática pedagógica tradicional onde os alunos e professores ficam limitados, a atuar somente como a gestão determina, interferindo assim na sua criatividade e autonomia prejudicando o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Considerações Finais

O presente artigo teve como propósito discorrer sobre a prática pedagógica tradicional nas escolas da rede particular, por observar que essa prática tradicional ainda é aplicada na atualidade por professores que na maioria das vezes reproduziam a educação que tiveram quando crianças na escola, e que também aprenderam em cursos de formação de professores desatualizados, dando continuidade assim a essa prática em sala de aula. Da mesma forma foi observado que a gestão das instituições particulares por terem passado pelo mesmo processo de formação exercem seu trabalho de forma tradicional, onde o autoritarismo e a inflexibilidade dos gestores impõem aos professores um currículo programático rígido que exige que os conteúdos dos livros didáticos sejam concluídos em um determinado período. Com isso, os docentes seguem uma rotina dura, com excesso de atividades e trabalho, não permitindo mudanças em seu planejamento, prejudicando assim, não só as aulas dos professores como a aprendizagem dos alunos.

Os objetivos de definir a prática pedagógica tradicional, classificar e conceituar as tendências pedagógicas e mapear como a prática tradicional ainda utilizada nos dias de hoje pode limitar a ação docente foram atingidos por meio de pesquisas com base em autores de grande relevância na educação que contribuíram não somente para a construção do artigo, mas também para a hipótese nele encontrada. Diante da confirmação dos objetivos que não foram alterados e ao analisar como a prática tradicional interfere na ação criativa do professor e conseqüentemente no desenvolvimento do aluno, confirmou-se como hipótese a necessidade de uma mudança de pensamento da Gestão escolar na prática tradicional, porque verificou-se que o foco da aprendizagem deveria ser voltado para o aluno e seu pleno desenvolvimento é não somente para o conteúdo, buscando adotar métodos mais modernos que contribuam para formar alunos autônomos, criativos e atuantes, tendo todas as suas habilidades cognitivas desenvolvidas na escola. Eventualmente constatou-se também que é muito importante que a instituição escolar busque se renovar, adotando mudanças em sua forma de gestão, tornando-se mais democrática e participativa, pronta a ouvir e dar mais autonomia e tempo para que seus professores possam adotar novas metodologias para melhorar o ensino dos estudantes e aberta ao

novo século, o qual permite a utilização de novas tecnologias que permitirão um ensino mais dinâmico para os alunos, desenvolvendo assim todas as competências e habilidades para que o aluno se encontre preparado para o mundo.

As metodologias utilizadas no artigo contribuíram para que as respostas e questionamentos fossem alcançados através da pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, onde pode-se analisar a visão de vários autores sobre o tema. Foi utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados, aplicados a profissionais de educação da rede particular do Rio de Janeiro, onde foi comprovado pelo relato dos próprios professores que explicaram que são direcionados pela gestão a trabalhar com o método tradicional, o qual não permite que seja usado o lúdico, que é tão importante para o desenvolvimento intelectual e para promover a afetividade e explorar a imaginação dos alunos, não sendo possível de ser realizado pelo excesso de conteúdo imposto pela direção. Apesar de não permitirem que o professor flexibilize seu planejamento para aplicar o lúdico, desenvolvendo assim o cognitivo dos estudantes, os docentes reclamaram de serem cobrados a desenvolver o cognitivo dos alunos através do acúmulo de conteúdo, de exercícios repetitivos e da memorização. Dessa forma o questionário foi fundamental para o artigo, pois através de sua análise foi observado como é realizado o trabalho dos professores nas escolas, o qual permitiu aprofundar e confirmar que a prática tradicional continua sendo aplicada nas instituições escolares.

Em virtude dos problemas encontrados e com base nos estudos realizados sugere-se que os gestores das escolas particulares busquem se qualificar para conduzir suas instituições escolares e avaliem a forma que estão conduzindo o seu trabalho, e de que maneira estão orientando os seus professores, se eles estão tendo liberdade para trabalhar de acordo com a necessidade dos alunos. Aconselha-se que os professores e gestores procurem agir de acordo com as transformações que vêm ocorrendo na educação, além de acompanhar e incentivar o trabalho dos seus docentes para que juntos trabalhem em equipe conduzindo os alunos para o pleno desenvolvimento de suas habilidades. Em virtude dos fatos narrados, é essencial que novos estudos sejam realizados com o propósito de investigar se após alguns anos de atuação os gestores buscam se atualizar, e aqueles que buscam porque não adotam

novos padrões em suas escolas, visto que hoje em dia estão disponíveis vários estudos sobre gestão escolar e acerca de novas metodologias de ensino.

Dessa forma foi abordado no presente artigo a prática educativa e o quanto ela é necessária para promover experiências, culturas e desenvolver todos os aspectos do indivíduo. Também se descreveu sobre a prática pedagógica tradicional as tendências pedagógicas que podem nortear os professores e gestores no processo de ensino e aprendizagem. Discorreu-se ainda sobre a limitação que a prática pedagógica tradicional traz para a ação docente e como ela interfere no desenvolvimento do aluno, onde foi utilizada uma entrevista com professores de escolas particulares que possibilitou verificar que na atualidade ainda se faz uso da prática tradicional.

Mediante ao exposto, conclui-se que a prática pedagógica tradicional interfere na ação criativa do professor, uma vez que restringe sua autonomia, não permitindo que o seu planejamento seja flexibilizado e adequado às necessidades dos alunos, sem dar muita importância a compreensão dos estudantes e se os temas abordados nas aulas estão de acordo com a realidade dos discentes. Dessa forma os professores não são incentivados a utilizar as novas metodologias que dão grande importância ao uso do lúdico, prejudicando assim o desenvolvimento das áreas cognitivas e intelectuais dos alunos, afetando o despertar da afetividade e da interação, da autonomia, autoconfiança, senso crítico e habilidades de expressão e comunicação. Portanto, para que o contexto educacional das instituições particulares seja remodelado é preciso uma mudança de pensamento da gestão escolar, no sentido de se atualizar sobre os novos modelos de gestão e de métodos inovadores de ensino, que sejam compatíveis com os novos tempos e com os anseios da sociedade por uma educação de qualidade que forme cidadãos preparados para exercer seu papel no meio social de forma consciente e integral.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da Pedagogia; Geral e Brasil**. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 62º ed- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71º ed- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HAYDT. Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral** 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública; A pedagogia crítico Social dos Conteúdos**. 19ºed. São Paulo: Loyola, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ºed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NOT, Louis Not. **As pedagogias do conhecimento**. 1 ed. São Paulo: Difel 1981.

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil/ Denise Pozas**.1 ed. Rio de Janeiro.Ed Senac Rio de Janeiro,2015

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **A gestão educacional e escolar para a modernidade**. são Paulo: Cengage Learning,2008

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.